

relvado

edição #5 | novembro 2018



A ESPERANÇA
QUE VEM DA
IMIGRAÇÃO

ENTREVISTA
COM DIRCEU
LOPES

OS ANOS
DOURADOS
DE CAMPINAS



Relvado é

Redação e Revisão

Felipe Portes, @felipeportes5

Fernando Cesarotti, @cesarotti

Jessica Miranda, @jessmirandinha

Wladimir Dias, @WladDias

Anderson Moura, @andmoura

Arte e Diagramação

Felipe Portes

Agradecimentos

Dirceu Lopes

A primeira edição de Relvado foi publicada em fevereiro. Naquela altura, pensávamos a revista de forma diferente, com ideias distintas das que temos empreendido. Ainda assim, o objetivo era o mesmo: proporcionar leitura de qualidade; trazer um produto novo ao mercado brasileiro, capaz de entreter e enriquecer a experiência do leitor com o futebol. Nos propusemos a lançar uma edição a cada dois meses e, apesar de a caminhada ter tido seus contratemplos, chegamos ao final de 2018, orgulhosamente. Podemos dizer que lançamos cinco revistas. As cinco prometidas.

Elas mudaram, sim. No jeito, na aparência, na forma, no estilo. Ouvimos vocês, leitores, e queremos continuar ouvindo. Diversificamos o conteúdo e pensamos na melhor forma de lhes oferecer conforto, na desafiadora missão de propor a leitura em PCs, tablets e celulares. Essa tem sido a toada do trabalho. Se vocês pararem para ler, parece que a cada edição temos falado mais do mesmo, que estamos mudando, evoluindo, isso e aquilo. É verdade. Como também é certo que essa trilha tem sido de permanente mudança. Felizmente, temos constatado mais acertos do que erros. Mas há sempre coisas a mudar e adaptar. Na #5, por exemplo, vocês irão se deparar com duas novas seções, que esperamos não só que gostem, como também que elas sirvam para nos aproximar mais.

Falamos de coisas sérias como morte e imigração. Em contrapartida, também trabalhamos com o pouco explorado e, até mesmo, com o insólito. Prometemos envidar esforços para trazer ao menos uma entrevista por vez e estamos conseguindo cumprir. O convidado da vez é ninguém menos que um príncipe, Dirceu Lopes.

Os passos estão sendo dados e estamos felizes. Ainda somos novos nisso, mas confiamos em nosso potencial e entendemos que o caminho tem sido em uma só direção: em frente. Esperamos continuar assim. Contando, de coração aberto, que se alguma encruzilhada se apresentar em nossa trajetória, poderemos contar com vocês, leitores, para nos indicar a rota mais adequada. Esperamos 2019 e torcemos para que, até lá, vocês se deliciem com as páginas que se seguem. ■

- 4** **Área do Leitor**
- 6** **Lado B dos Botões (Toronto 2007)**
- 7** **Rabiscando (Andre Gray)**
- 9** **Um maluco no pedaço**
- 13** **O coração benfiquista que parou de bater**
- 17** **Conexão anglo-sueca**
- 27** **Os infiltrados**
- 32** **Os anos incríveis de Campinas**
- 42** **A esperança que vem da imigração**
- 50** **O dia em que o Cruzeiro tomou o trono do Santos**
- 55** **Entrevista com Dirceu Lopes**



Em um exercício de aproximação ao leitor, a Relvado abre espaço para sanar a curiosidade do público. Reunimos e selecionamos algumas perguntas e inauguramos a Área do Leitor na publicação. É só o começo, hein?

Recebemos as perguntas por meio do @revistarelvado, no Twitter. Quer aparecer na próxima edição? Mande a sua curiosidade que nós vamos tentar responder. Ou envie um e-mail para revistarelvado@gmail.com.

A Liga das Nações Uefa foi criada respeitando o ranking Fifa? (Obson de Almeida)

Obson, a Liga das Nações segue o ranking da própria Uefa. As quatro divisões foram definidas de acordo com a posição de cada seleção no ranking europeu. Portanto, as 12 vagas da Liga A pertencem aos 12 primeiros colocados e assim por diante, até a Liga D, entre os 55 países participantes.

Quais são os melhores desempenhos no Brasileirão, pré e pós-2003? (Vitor Camargo)

Vitor, antes da reformulação dos pontos corridos, o melhor time da história do Brasileirão havia sido o Internacional de 1976, com 84% de aproveitamento (23J, 19V, 1E, 3D). Curiosamente, o primeiro campeão da era pontos corridos é também o melhor: o Cruzeiro de 2003 teve 72,5% (46J, 31V, 7E, 8D).

O que aconteceu com a mulher que foi eleita presidente do Mansfield Town, da Inglaterra? (Pedro Reinert)

Pedro, Carolyn Radford foi escolhida como diretora executiva do Mansfield Town em 2011, pelo então namorado e dono do clube, John Radford. Eles se casaram em 2012. Carolyn foi a primeira mulher a ocupar um cargo diretivo em um clube profissional da Inglaterra. Depois dela, outras duas mulheres (Tina Broughton e Diane Ceney) assumiram funções na diretoria do Mansfield Town, que disputa a League Two, quarta divisão inglesa.

O São Paulo foi ou não rebaixado no Paulistão de 1991? (Felipe Castro)

Felipe, apesar de toda a polêmica que envolve esse assunto, o São Paulo foi sim rebaixado no Paulistão de 1990, e teria de jogar a Segunda Divisão em 1991. Contudo, houve virada de mesa. André Fontenelle conta sobre isso ao site da Época. [[Clique aqui para ler](#)]

Por que a Holanda usa uniforme alaranjado se a bandeira é azul, branca e vermelha? (Matheus Castilho)

Matheus, essa é uma pergunta muito comum. E a explicação é simples: apesar de ter feito sua primeira partida na História usando camisas brancas, a seleção da Holanda adotou o laranja como sua cor oficial por conta da Dinastia de Orange, que remonta ao século XVI, com Guilherme I de Orange-Nassau. O atual Rei da Holanda, Guilherme Alexandre, também é descendente da casa de Orange-Nassau. ■



Toronto, 2007

Cidade | Toronto, Canadá

Fundação | 2005

Temporada | Lanterna da Conferência Leste

Time-base | Sutton, Goldthwaite, Wynne, Boyens,

Brennan, Robinson, O'Brien, Edu, Welsh, Dichio e Buddle

O time

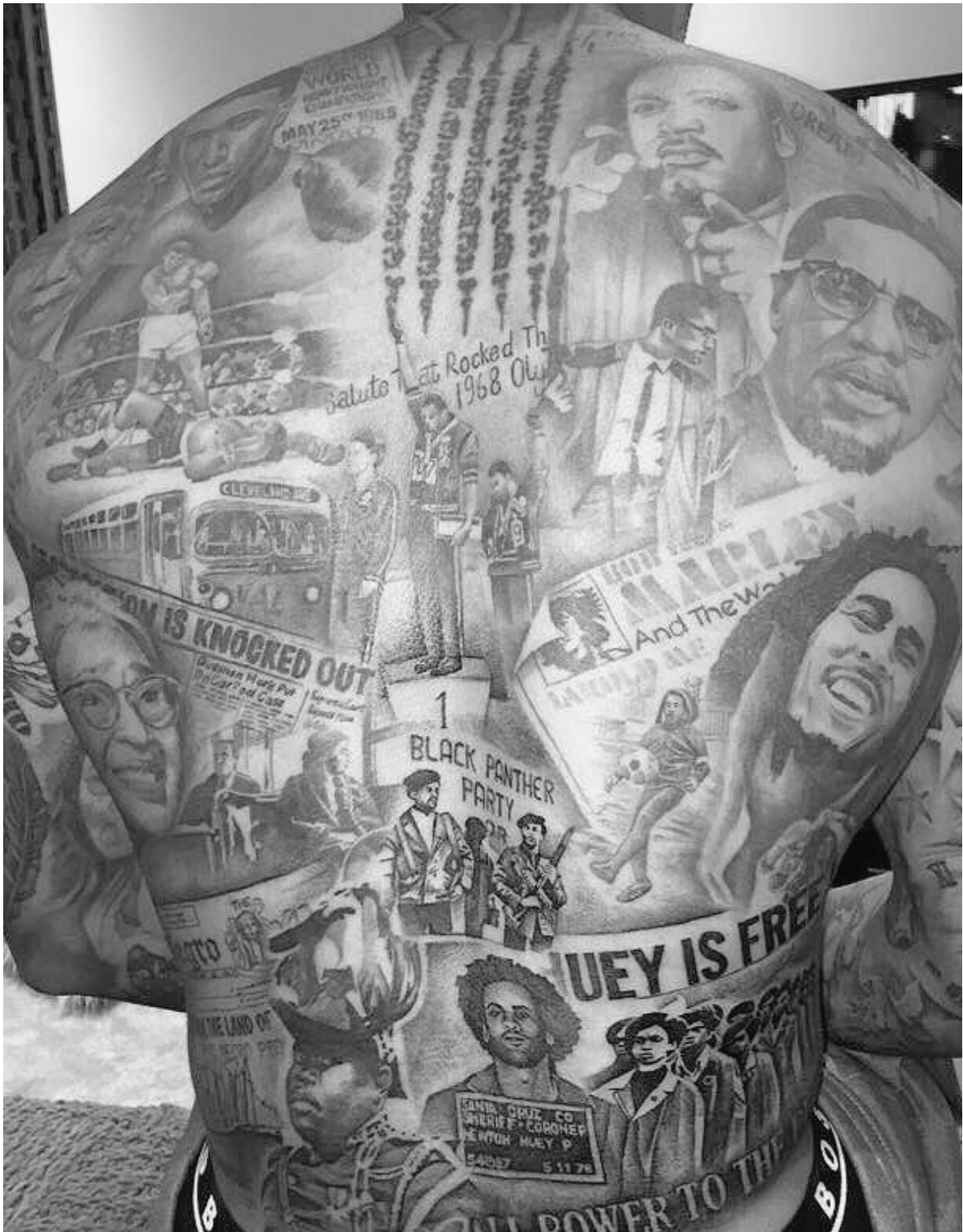
Demorou, mas o futebol em Toronto virou sensação. Antes de se firmar como papão de sua conferência, o time canadense passou por alguns apuros. Como, por exemplo, a temporada de estreia, em que foi lanterna da Conferência Leste, somando 25 pontos em 30 jogos, algo ridículo até mesmo para um novato. O Toronto FC mostrado nos botões é o primeiro da história do clube a fazer um jogo pela MLS. E é tosco, sem dúvida alguma. Imaginar que, pouco menos de dez anos depois, a equipe ostenta o status de ponta na Liga parecia impensável para quem via o escrete de 2007. Essa foi a formação exata que venceu o Chicago Fire por 3 a 1 em 12 de maio daquele ano. Gols de Dichio, Goldthwaite e Edu. ■

Andre Gray é um atacante inglês que atualmente defende o Watford e que teve o melhor momento de sua carreira na temporada 2015-16, quando foi artilheiro da segunda divisão inglesa defendendo Brentford e Burnley. Em entrevista ao jornal *Telegraph*, Andre, agora com 27 anos, disse que começou a ler e estudar movimentos de direitos civis aos 23 e então passou a se interessar por personalidades negras que tenham causado um grande impacto na luta por igualdade racial.

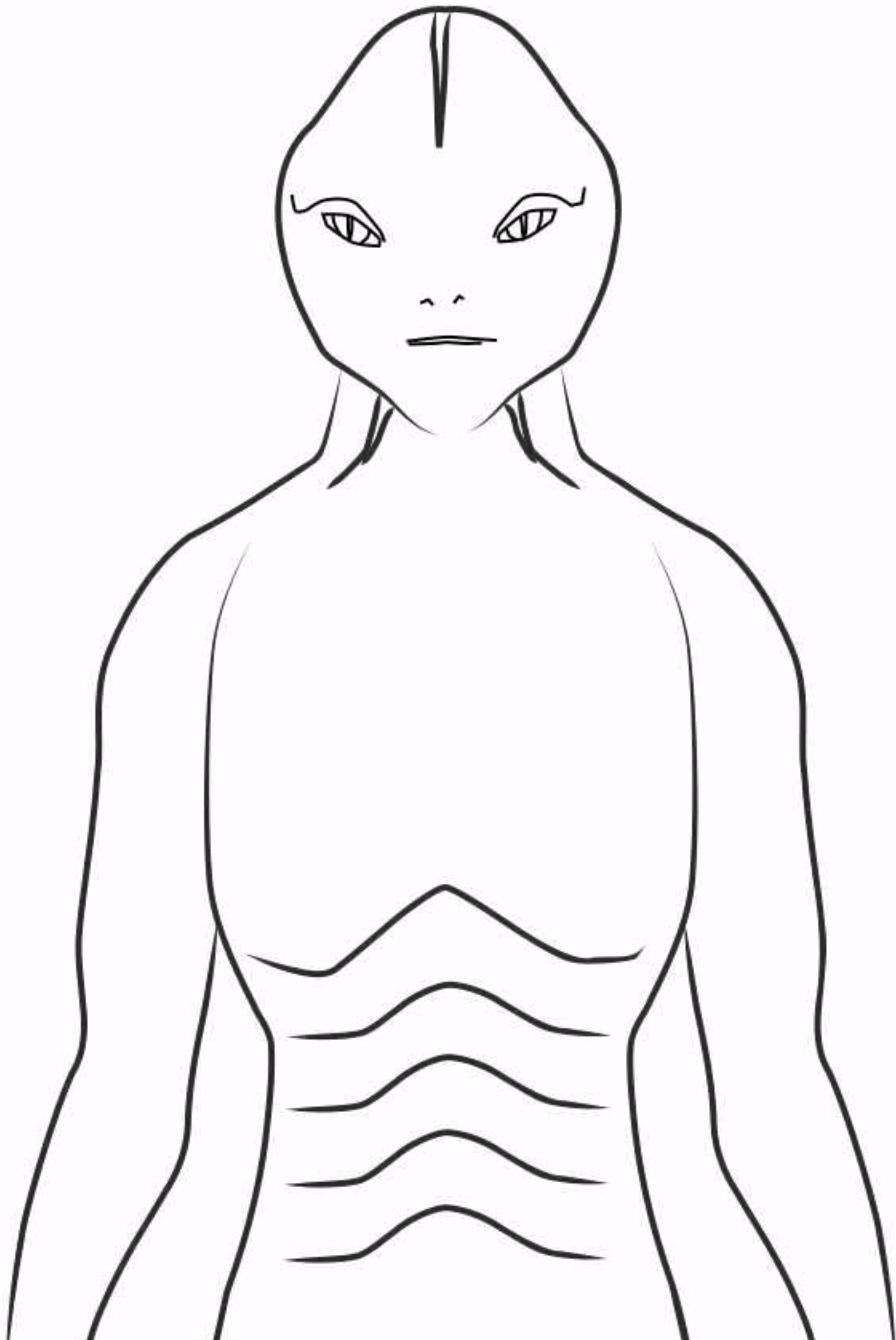
Graças a esse interesse, o atacante dedicou suas costas inteiras para homenagear Nelson Mandela, Muhammad Ali, Rosa Parks, Huey Newton, Bob Marley, Tommie Smith e John Carlos (atletas americanos que protagonizaram o gesto dos Panteras Negras na Olimpíada de 1968), Malcolm X, Martin Luther King e, finalmente, o favorito do atacante: Marcus Garvey. “Ele foi a primeira pessoa a tentar reagir e a lutar por direitos iguais. O mais interessante para mim: ele construiu um barco, que também está na tatuagem, para que afrodescendentes pudessem voltar para a África”, disse Andre. Para alguém que tem uma cicatriz no rosto graças a uma briga de gangues em 2011 e que foi punido pela Federação Inglesa por declarações homofóbicas em 2012, aparentemente Andre Gray tem evoluído bastante. ■



Foto: Twitter Andre Gray (AndreGray7)



A editoria Rabiscando traz histórias de tatuagens de jogadores de futebol. A pesquisa e o texto são de Anderson Moura.





Um maluco no pedaço

Inglaterra | Por Jessica Miranda

Esqueçam o futebol e comecem a se preparar para a luta contra a sociedade secreta dos reptilianos

Pelo fato do futebol de elite catapultar alienação, são raras as exceções de jogadores que não vivem em bolhas. Assim, conscientemente ou não, a maioria dos atletas renega seu poder de questionamento. Diversão, dinheiro, religião, fama e família passam a ser pilares exclusivos, enquanto outros ditam as regras de suas vidas e incitam pensamentos rasos e superficiais, quase robóticos.

Se esse rumo é trilhado como forma de estancar as feridas de uma criação sofrida, eu não sei. O fato é que em 2017 o Manchester United teve de cancelar um evento do conspiracionista David Icke, ex-jogador de futebol, em seu estádio, devido a questionamentos dos torcedores. Como lidar quando um (ex) jogador passa a propagar teorias extremamente estranhas e incomuns?

Ele estava fadado a não ser alguém notório. Nascido em Leicester, David Icke teve uma infância difícil, marcada pela pobreza da família. Reservado e tímido, viu no futebol uma forma de interação social exitosa. Aos 15 anos foi contratado pelo Coventry City, largando a escola.

Não contava com uma artrite reumatoide, que foi se espalhando por todas as juntas do corpo, impedindo a transição da base para o profissional de elite. Apesar de dores intensas, o jovem goleiro lutou contra seu físico até o limite, aposentando-se aos 21 anos.

Não desistiu do futebol, porém, buscando emprego no jornalismo esportivo. Dono de uma boa oratória, passou a trabalhar na *BBC*. Após alcançar o posto de apresentador, David continuou com uma ânsia interior por respostas. Através de seu envolvimento na política, acabou conhecendo Betty Shine, uma clarividente, em 1990, ano em que saiu da emissora inglesa.

Além de curar a artrite, Betty tinha um recado a lhe dar. O destino de David Icke é salvar a Terra. De qual ameaça? Bem, os líderes mundiais seriam controlados por uma raça reptiliana satânica e pedófila, comandante de todos os eventos da história. Pausa para tomar um ar. Sim, você leu certo: raça reptiliana satânica e pedófila.

A salvação viria a partir uma elevação espiritual, uma transcendência dos cinco sentidos, com vibrações e energias. Alguns extraterrestres (David prefere o termo interdimensionais) agem para nos ajudar nessa jornada. Já outros, em especial os vilões reptilianos, querem manter o status quo.

Trajando um moletom esportivo azul gritante com detalhes em rosa, David esperava ser mais um dos convidados entrevistados por Terry Wogan, em seu

programa na BBC. Mas a entrevista de 1991 destruiu a sua reputação perante os não-iluminados. Foi um massacre midiático, uma vergonha nacional — em certo momento, David assume ser filho de Deus.

Sem se resignar, continuou a escrever livros expondo suas visões. O lançamento mais recente é, em tradução livre, Tudo o que você precisa saber mas não te contaram. Barrado em Old Trafford, David já se apresentou na Wembley Arena, ao lado do famoso palco de futebol. Ingressos esgotados. Ele discursa por horas e ganha mais adeptos a cada ano.

Localizem quem chutou uma bola forte demais na cabeça de David Icke, por favor. ■



HEREFORD UNITED
DIVISION FOUR
1972-73

Back row (left to right): CLIVE SLATTERY, MICK McLAUGHLIN, TOMMY NAYLOR.
Middle row (left to right): JOHN BARNWELL (assistant manager), KEN MALLENDER, DAVE ICKE, COLIN TAVENER, FRED POTTER, ALAN JONES, ROGER GRIFFITHS, PETER ISAAC (trainer).
Front row (left to right): BRIAN OWEN, IVAN HOLLETT, COLIN ADDISON (player manager), GEORGE JOHNSTON, TREVOR JONES.





O coração benfiquista que parou de bater

Portugal | Por Felipe Portes

Um relato repentino sobre uma morte repentina que chocou o futebol português

Miklos Fehér respira fundo, apoia as mãos nos joelhos e busca o ar, que não vem. Quem assiste pela TV acha perfeitamente normal quando ele tomba para trás, sorrindo, e bate com a cabeça no chão. Pode ser simulação, cera, ou uma lesão que vai tirá-lo de campo. Sem qualquer contexto, uma pessoa que sintoniza a *RTP* de Portugal, naquele exato momento, fica sem entender como é que um simples cartão amarelo pôde causar uma queda daquelas.

Era um chuvoso 25 de janeiro de 2004. Em Guimarães, jogavam o time da casa, o Vitória Sport Clube, e o Benfica. O placar, favorável aos lisboetas, era de 1 a 0. A partida já estava nos acréscimos e o cartão amarelo direcionado a Fehér, naquele caso específico, deu-se pelo fato de o jogador atrapalhar a cobrança de um arremesso lateral de seu adversário.

Cenas banais de um jogo que tinha tudo para se perder dentre os milhares do futebol português. Até, claro, a



queda assustadora. Miklos caiu desacordado e logo foi amparado por colegas. O que era confuso, ficou claríssimo, de repente. Ele estava em apuros. Encharcados e cheios de barro, os benfiquistas correram para o socorro. Alguns deles viram de perto o drama do centroavante húngaro.

Respira. Falta ar. Falta luz. Ele apaga. Quando o primeiro homem de vermelho saiu de perto da cena com as mãos na cabeça, soube-se que era tudo muito sério. E mesmo um brasileiro como eu, que conhecia um ou dois em campo, chocou-se com a realidade bem diante dos olhos.

O fato de ter RTP em casa, aliás, era um golpe de sorte, culpa da interferência na antena parabólica de um vizinho de prédio. Às vezes o canal lusitano aparecia, em outras ficava com chiados, até desaparecer só para voltar de repente, dias depois.

Ter uma amostra do que os portugueses faziam despertou enorme curiosidade e encantou algumas noites minhas daquele ano de 2004. Sem falar na fascinação que o episódio

de Fehér me causou. Como já ficou evidente, nada daquilo vivido em Guimarães era ensaiado, e ainda que fosse, seria sádico demais imaginar que alguém se daria ao trabalho de simular um desmaio daquela maneira. Pelo sinal da RTP, o narrador português se perdeu em meio às informações desencontradas e ao choro que rolava em cada jogador que aparecia em destaque na imagem. Nem ele sabia ao certo o que estava relatando ao microfone. “Em directo”, a emissora transmitia um momento histórico do esporte. Não eram condições normais.

O socorro demorou a chegar, como em toda tragédia. Houve quem virasse Fehér de lado para fazê-lo respirar. Quando finalmente os paramédicos entraram em campo, surgiu uma nova preocupação: como usar o desfibrilador em condição tão chuvosa, com o paciente todo molhado e inconsciente? O risco de eletrocutar Miklos foi um obstáculo para o socorro imediato. Depois de alguns minutos de pura angústia, ranger de dentes e paúra de ambos os times, o húngaro foi removido do gramado.

Fehér, sem reação alguma, seguiu para o hospital em uma ambulância. O jogo acabou ali mesmo. Apesar de estar muito perto de um centro médico, o jogador não foi salvo. Morreu por infarto fulminante, aos 24 anos. Sua última camisa, rasgada no peito, virou item precioso no museu do Benfica. ■





ICA



adidas

GÖTA
BANKEN

GÖTA
BANKEN



Conexão anglo-sueca

Suécia | Por Wladimir Dias

Como ingleses ajudaram a estabelecer uma longínqua relação com o futebol sueco

A pesar de não ser um dos países mais vitoriosos, tanto no contexto de clubes quanto no de seleções, a Suécia carrega consigo uma respeitável história no futebol. Sua trajetória remonta tempos já muito distantes, o que ajudou a consolidar sua tradição. Quarta colocada no Mundial de 1938, terceira em 1950, campeã olímpica em 1948... A equipe escandinava, de tempos em tempos, aparece para reclamar seu sólido lugar nos contos dos gramados.

Os brasileiros que o digam: em 1958, ao contrário do que o placar final sugere, foi preciso correr atrás do prejuízo na final da Copa do Mundo, uma vez que foram os suecos que saíram na frente, com gol do craque Nils Liedholm. Aquele êxito foi o retrato de uma relação estabelecida na década passada, quando azuis e amarelos começaram a forjar um pacto com os ingleses, no comando do leme, fora das quatro linhas.

George Raynor: o azar inglês é a sorte sueca



Sua carreira como futebolista não teve absolutamente nada de notável. Em quase 10 anos, rodou por Wombwell, Sheffield United, Mansfield Town, Rotherham United, Bury e Aldershot. Sua história como treinador também não tinha nenhum diferencial quando foi apontado ao comando sueco.

George Raynor havia liderado o Iraque durante a Segunda Guerra Mundial e, ao final, retornara à Inglaterra, trabalhando no time reserva do Aldershot. Contudo, Stanley Rous, secretário da Federação Inglesa de Futebol (FA), o indicou aos escandinavos, que, ainda que desconfiados, aceitaram. E, como viria a declarar o comandante, posteriormente, a aposta se pagou: “de alguém suspeito, me tornei um herói”. Tudo começou em 1946.

Raynor levou à Suécia ideias novas e uma forma de trabalhar com menos gritos e mais conversa, algo

diferente. Conforme narraram os ingleses do *Daily Mail*, com ele também nasceu uma nova posição, que foi fundamental para os sucessos do selecionado: “era, essencialmente, um construtor de jogo, que buscava a bola na defesa e a levava aos atacantes”. Em tempos amadores, o bretão levou consigo doses cavalares de profissionalismo.

Aos poucos, foi encontrando os melhores jogadores do país e os resultados começaram a vir. Sem dúvidas, o mais expressivo em seu início foi a conquista do Ouro Olímpico, em 1948, justo em Londres. Os êxitos nessa competição não pararam por aí, porque quatro anos mais tarde o time ficou com o Bronze — o Ouro vencido pelos magiares da brilhante geração húngara de Ferenc Puskas.

No intervalo entre uma disputa e outra, os ingleses foram forçados a notar a presença de George, isso porque em maio de 1949, os suecos venceram a Inglaterra, por 3 a 1, em Estocolmo. Aquele time veria, por exemplo, Liedholm e Gunnar Nordahl brilharem no futebol italiano, na sequência. Mais uma consequência do grande trabalho de Raynor.

Os sucessos da Suécia chegaram às Copas do Mundo, como indicam o terceiro lugar, em 1950, e o vice-campeonato, como anfitriã, em 58. Grande parte disso se deve ao pensamento além de seu tempo que o comandante exibia. Ele refletia sobre o jogo e compartilhava tudo com seus jogadores. Também olhava para fora das quatro linhas. Queria saber tudo sobre condições climáticas dos lugares em que ia jogar, além da dieta e os hábitos de seus comandados.

“Nenhum time no mundo teria vencido o Brasil aquele dia. Poucos escapariam levando tal quantidade de gols”, disse Raynor ao *The Times*.

Reza a lenda que George tentou estabelecer diálogo com a FA. Procurou transmitir os resultados de suas experiências com a alta cúpula do futebol de sua pátria. Teria sido solenemente ignorado. Pior para os ingleses. A ignorância ao que acontecia além de seu arquipélago, e a adesão religiosa a velhos padrões, foi a sorte da Suécia.

Ele até deixou o comando azul e amarelo em 1954, mas retornou dois anos depois, após passagens medíocres por Juventus, Lazio e Coventry. Ficou até 58, e ainda voltou uma última vez em 61. O primeiro inglês a levar uma equipe à final de um Mundial nunca realizou o sonho de conduzir seu país.

Nova revolução com Hodgson e Houghton



A conexão anglo-sueca viveu novos e prósperos dias nos anos 70. Sobretudo com dois importantes expoentes. A passagem de Roy Hodgson como jogador pelo modesto Maidstone United — entre 1971 e 72 — acabou sendo um divisor de águas em sua vida. Ele ainda teve mais quatro anos de carreira antes de pendurar as chuteiras,

mas naquele início de década conheceu Bob Houghton, então treinador-jogador a despeito da pouca idade (24 anos). Ficaram amigos, e, durante um tempo, ele foi também uma espécie de auxiliar.

Depois de passar um tempo na África do Sul, Hodgson retornou ao futebol inglês e terminou a carreira no Carshalton Athletic. E quase não ficou desempregado. Isso porque Bob Houghton, que apesar da juventude, começava a se firmar como treinador, fez uma indicação. Líder do Malmö, e já bicampeão sueco, Bob recomendou Roy para o Halmstad.

Era o ano de 1976, e a revolução iniciada por Houghton ganhou ainda mais força. Com os dois rivalizando (Hodgson vencendo o campeonato nacional já em sua primeira temporada), a Suécia se viu imersa em novidade. De repente, não fazia mais sentido atuar com três zagueiros e fazer marcação homem a homem. Os ingleses levaram à Escandinávia novos conceitos: esquema tático 4-4-2, marcação por zona, linha de impedimento e pressing foram apenas algumas.

Aquele foi um período glorioso para o futebol sueco. Tanto que em 1979, bravo, o Malmö de Houghton chegou à final da Copa dos Campeões da Europa e perdeu por 1 a 0 para o Nottingham Forest, de Brian Clough.

Outro grande produto da dupla inglesa acabou sendo o treinador Sven-Göran Eriksson. Um dos vários que beberam dessa fonte, o sueco conduziu o Gotemburgo ao título da Copa da UEFA, em 1982. As lições de Houghton e Hodgson mudaram para sempre o futebol sueco.

“Eles introduziram um estilo totalmente novo de se jogar futebol. Antes disso, os times suecos eram muito influenciados pelos alemães e estavam jogando com marcação homem a homem. Mas eles trouxeram

a marcação por zona e uma nova forma de iniciar os ataques. Era algo novo. Acredito que Bob tinha 27 anos quando chegou aqui e foi fascinante. Um jovem veio para cá para nos ensinar a jogar futebol”, refletiu Lars Lagerback, ex-treinador de Suécia e Islândia aos ingleses do *Guardian*.

A contrapartida que não saiu como esperado: Sven-Göran Eriksson



Muitos anos mais tarde, depois de se firmar como um dos principais treinadores do planeta — passando por equipes como Benfica, Roma e Lazio —, Eriksson teve a oportunidade de oferecer à Inglaterra sua gratidão. Em 2001, tornou-se o primeiro estrangeiro a comandar os Three Lions. Ele chegava para substituir Kevin Keegan, que fracassara retumbantemente na Euro 2000, vendo Portugal e Romênia avançarem na fase de grupos.

A expectativa era gigantesca, como não poderia ser diferente. Era a primeira vez em que a Inglaterra dizia para quem quisesse ouvir: “precisamos aprender com o mundo”, ainda que isso significasse trazer alguém cujo

pensamento estava intimamente ligado à mentalidade local. As esperanças também existiam porque a geração inglesa era reconhecidamente boa. Ashley Cole, Rio Ferdinand, Sol Campbell, David Beckham, Paul Scholes, Joe Cole, Michael Owen... Isso ficou reforçado quando o selecionado inglês terminou as eliminatórias para a Copa do Mundo de 2002 com a primeira colocação de seu grupo, à frente da Alemanha.

No Mundial, a história já foi diferente. O segundo lugar do difícil Grupo F (dividido com Argentina, Nigéria e a líder Suécia, de Lagerback) não empolgou, mas também não desanimou. As coisas até melhoraram depois que os britânicos despacharam a Dinamarca, por 3 a 0, nas oitavas de final. Mas no meio do caminho dos Three Lions havia o Brasil, e a Canarinho tinha um jogador que podia tirar coelhos da cartola (até involuntariamente). Com gol fabuloso de Ronaldinho Gaúcho do meio de campo, os de verde e amarelo avançaram.

Na Eurocopa em 2004, novamente os ingleses carregaram expectativas. Já tinham naquela altura gente como Wayne Rooney, John Terry, Steven Gerrard e Frank Lampard. Avançaram aos mata-matas mas logo caíram para os anfitriões portugueses — nos pênaltis.

É certo que o trabalho desempenhado não era tão ruim, mas a longa espera por um título já durava 40 anos, quando Eriksson conduziu a Inglaterra à Copa do Mundo de 2006. E isso pesava.

Mesmo tendo na Suécia mais uma vez uma pedra no sapato na fase de grupos, dessa vez os ingleses avançaram em primeiro lugar. E bateram o Equador nas oitavas. Tudo para perder, novamente nos pênaltis, para Portugal. Era muito azar. Parecia que, simplesmente, treinador e seleção não haviam nascido para obter o sucesso juntos.

Graham Potter, o último expoente



Quase 40 anos depois de Roy Hodgson e Bob Houghton iniciarem sua revolução na Suécia, outro inglês de carreira obscura como jogador apostou suas fichas enquanto treinador em um início na escandinávia.

Com background universitário (se formou em ciências sociais durante a carreira de atleta e hoje já é mestre), tendo trabalhado com equipes de futebol da University of Hull e da Leeds Metropolitan University, Graham Potter recebeu sua primeira oportunidade como profissional no nanico Östersund, em 2011. “As ligações do Barcelona e do Manchester United não estavam exatamente vindo a mim”, brincou Potter em reportagem da *BBC*.

Parecia uma loucura. Insanidade completa. O que leva um inglês a trocar seu país por uma equipe da quarta divisão sueca em uma cidade gelada com pouco menos de 50 mil habitantes? O desejo de ser técnico. Tudo com uma pitada de sorte. O clube sueco costumava jogar amistosos de pré-temporada contra o Swansea City, então treinado por Roberto Martínez, cujo assistente era

Graham Jones — este, amigo pessoal de Potter, com quem atuara no Boston United. Foram pedidas recomendações ao corpo técnico galês. Potter foi indicado e partiu.

Apesar da adaptação difícil, sua e da família, ele estava realizando seu sonho. E fez valer cada dia difícil vivido no país. Além da divisão inexpressiva que disputava, o time, fundado em 1996, não tinha sequer 20 anos de vida. Segundo afirmou ao *Guardian*, a chave foi acreditar: “quando você faz esse tipo de mudança, com esses sacrifícios, precisa fazer funcionar”.

Dificuldades para se ambientar ao país e encontrar jogadores foram apenas algumas das que enfrentou. Mas o time prosperou. Degrau por degrau, foi subindo. Da quarta divisão para a terceira; da terceira para a segunda; da segunda para a elite; do acesso para a conquista da Copa da Suécia, em 2016-17; do título à disputa da Europa League e à notoriedade, com o time indo aos mata-matas e caindo apenas perante o Arsenal.

Dessa vez a revolução também se deu fora dos campos, com a aposta no lado humano, fazendo valer a formação acadêmica de Potter. À mesma reportagem do *Guardian*, o comandante citou os pilares de seu trabalho: “empatia e confiança”. O sucesso veio nas quatro linhas, nas arquibancadas e na cidade, que ganhou um motivo de orgulho.

Mais uma vez, um inglês testou suas chances na Suécia. Prosperou e se tornou mais um expoente dessa pouco falada, mas forte relação entre técnicos britânicos e o futebol sueco. Dessa vez, porém, foi logo reconhecido. Ainda que não tenha chegado à Premier League, em 2018 assinou com o Swansea City, indo à segunda inglesa. Sua trajetória está começando, mas o jovem já preencheu páginas históricas — e heróicas. Dignas de seus antecessores. ■



S.S. LAZIO





Os infiltrados

Itália | Por Felipe Portes

Os homens que ousaram vestir a camisa de Lazio e Roma (e marcaram por ambos)

Baixo para um jogador de sua posição de centroavante, tinha cabelos louros e um topete meticulosamente aprumado, como era característica da época. O semblante sério deu um ar de gringo classudo ao sueco de 24 anos. Nas fotos, todas coloridas artificialmente, ele estava sempre franzindo as sobrancelhas, quase invisíveis, por conta da cor de sua pele branca.

No segundo semestre de 1955, ele chegou à Lazio, após uma excelente temporada pela Udinese. Arne Selmosson, potente goleador recém-chegado à Itália, entregou bom número de gols em sua passagem pela capital italiana, em pouco mais de cem jogos. Foram, decerto, trinta gols memoráveis e uma admiração que resistiu às décadas.

Um de seus momentos mais marcantes, ao menos para a velha guarda, foi um gol em 4 de abril de 1956, vitória da Lazio, por 1 a 0, contra a Roma. O escandinavo não demorou a estourar entre os *laziali*: seu estilo veloz e de poucos toques serviu para encantar a torcida. Foi, portanto, grande a surpresa quando ele mudou de lado em 1958, durante crise no clube.

O destino, contra a vontade do próprio Arne, foi a Roma, simplesmente o nêmesis da Lazio. Se do lado celeste da capital italiana as coisas iam de mal a pior, os aurirrubros respiravam bons ventos. Uma proposta financeira irrecusável dos romanistas chegou à porta dos alvicelestes. E eles não puderam dizer não aos irmãos e inimigos.

Selmosson, evidentemente, vivia grandes tempos. Era o camisa 10 da seleção sueca na Copa do Mundo de 1958, em que a sua seleção, a anfitriã, foi vice-campeã diante do primeiro grande Brasil de Pelé, Garrincha, Didi e estupendo elenco. Não foi surpresa alguma quando, vestindo a outra camisa romana, o centroavante balançou as redes da Lazio no dérbi de Roma, aos nove minutos, em 30 de novembro de 1958. A Roma venceu por 3 a 1.

Eram tempos menos radicais, de fato, mas Arne teve a sorte de ser muito querido por defender a honra da Lazio e não ser crucificado por fanáticos da Roma. Mais importante que isso: o contexto de sua saída foi plenamente perdoado pelos *laziali*. Provavelmente não teria igual prestígio caso fosse um italiano. Ou pior: um cidadão romano. Para esses, a traição é crime capital.

Mesmo marcando no antigo (e verdadeiro) amor e contribuindo de maneira exuberante com a Roma em três temporadas com 30 gols, a idolatria pelo sueco é muito maior na curva nord, setor destinado à Lazio no Olimpico. E o próprio jogador já reconheceu algumas

vezes que o coração batia mais forte pelos *biancocelesti*. Em 1961, deixou Roma em definitivo para retornar à Udinese. E o tempo passou.

Muitos juravam que o raio não cairia duas vezes no mesmo lugar. A situação era desconfortável para os romanistas e para os laziali, afinal de contas, exaltar um atleta que fez sucesso do outro lado é como beber uma bebida amarga que rasga a garganta. De maneira direta, a mudança de Roma para Lazio, ou vice-versa, nunca mais aconteceu. Houve, claro, quem, entre um clube e outro, desembarcasse no CT que um dia foi adversário. Antes de Selmosson, Attilio Ferraris e Fulvio Bernardini. Depois dele, em ordem, Carlo Perrone, Franco Cordova, Lionello Manfredonia, Luigi Di Biagio, Angelo Peruzzi, Diego Fuser, Roberto Muzzi e Sebastiano Siviglia, para contemplar apenas os que foram profissionais pelas duas agremiações romanas.

O último, e não menos importante, é Aleksandr Kolarov, outro gringo. Sérvio, de enorme força defensiva e um chute quase imparável com a canhota, chegou à Lazio em 2007, contratado ao OFK Belgrado. Assim como Selmosson, passou três anos defendendo a camisa celeste. Corte para abril de 2009. Lazio e Roma se enfrentam no Olimpico, com vitória irretocável dos celestes. O último gol dos 4 a 2 foi marcado por Kolarov, que saiu cortando a defesa inimiga até finalizar sem força, mas com precisão suficiente para vencer o brasileiro Doni.

Ele partiu em alta, no ano de 2010, para defender uma equipe da mesma cor, o Manchester City. Quis o destino que, sete anos depois, dispensado pelos ingleses, o defensor desse as caras como reforço da Roma, treinada por Eusebio Di Francesco. Mais velho e bem menos ágil, Kolarov foi de grande utilidade na bola parada e no apoio ofensivo. Aqui vai outra similaridade de Kola

com Selmosson: não é muito fácil encontrar fotos dele sorrindo. Até quando sorri, o lateral-esquerdo parece contrariado com alguma coisa. Podemos dizer, com base nisso, que ambos são homens de gelo em um esporte no qual o carisma é uma característica marcante.

À parte das feições físicas, Kolarov tem na Roma importância similar à que teve pela Lazio. Isso se dá em números e desempenho nos grandes jogos. Portanto, falou-se em grandes jogos, falou-se no *Derby della Capitale*. Em 28 de setembro de 2018, o duelo teve gol de falta de Aleksandr, que cravou definitivamente seu lugar em um grupo peculiar e praticamente impossível de ter novos membros. Os que jogaram e marcaram gols com a camisa de Lazio e Roma, em clássicos.

Quanto mais o tempo passa, mais difícil é a missão de defender ambos. O próprio Kolarov teve alguma rejeição inicial com a torcida. Felizmente para ele, logo na estreia, um golaço de falta garantiu uma vitória contra a Atalanta. O sérvio escapou da desconfiança romanista e mostrou ótimo serviço em sua temporada inaugural.

Selmosson e Kolarov, com o intervalo de 50 anos, escreveram páginas importantes em uma das rivalidades mais quentes do futebol mundial. O sueco, contudo, não passou nem perto de ver o lateral se consolidar como o último dos vira-casacas: Arne morreu em 2002, antes mesmo da carreira profissional de Aleksandr ter início. O abraço dos infiltrados ficará para um outro plano, em um futuro bem distante. ■



**A Calciopédia elencou os “corações ingratos”
que traíram as torcidas da cidade eterna.**
[Clique aqui para ler. Ou acesse:
calciopedia.com.br](http://calciopedia.com.br)





Os anos incríveis de Campinas

Brasil | Por Fernando Cesarotti

Por onze anos, Guarani e Ponte Preta colocaram Campinas no centro do futebol brasileiro

Evair tenta um toque de chaleira, mas Marcelo corta e deixa para Wilson Mano. Marcado, o volante busca um empate e chuta meio mascado. A bola vai meio sem direção e parece não levar perigo, mas no meio do caminho encontra um jovem de 18 anos chamado Paulo Sérgio, que vestia duas camisas 9. Com um carrinho certeiro, ele desvia a bola, marca o gol do título para seu time e sai comemorando loucamente pela pista do estádio Brinco de Ouro da Princesa, cumprindo a promessa de jogar uma camisa para a galera após fazer um gol — por isso entrara em campo com duas camisetas.

Todo mundo já identificou o lance: falamos do gol de Viola, que deu ao Corinthians o título paulista de 1988 em cima do Guarani, com uma vitória por 1 a 0, na prorrogação — uma semana antes, no Morumbi, os dois times haviam empatado por 1 a 1. Além de selar o 20º título paulista do Timão, o gol encerrou uma fase

dourada do futebol de Campinas, que durou um pouco mais de uma década.

Entre 1977 e 1988, o Guarani ganhou um título brasileiro, foi duas vezes vice e chegou a mais uma semifinal, além de entrar para a história com a melhor média de gols de um time na competição; também levou um vice paulista, como registramos no começo do texto. A Ponte chegou a outra semifinal nacional e decidiu três vezes o Paulistão, sempre diante de times grandes e com a desvantagem de pouco jogar em casa nos momentos decisivos. De quebra, os arqui-rivais fizeram grandes dérbis no período e cederam jogadores para a Seleção Brasileira. Juntos, aliás, formavam uma verdadeira seleção, como registraria a revista Placar em 1978.

Mais antigo clube do Brasil em atividade ininterrupta, a Macaca demorou mais a se firmar como uma força além dos limites de Campinas. Chegou à primeira divisão estadual apenas em 1970, enquanto o Bugre estava lá desde 1953. Mas a Ponte chegou chegando: já em sua primeira participação, ficou com o vice-campeonato, empatada com o Palmeiras no número de pontos e atrás apenas do São Paulo, que levava o título e encerrava um jejum que vinha desde 1957.

Aquele time possuía um craque: Dicá. Nascido Oscar Sales Bueno Filho, o meia canhoto já tinha 23 anos e comandava o time que, no ano anterior, conquistara o acesso num renhido quadrangular contra Francana, Noroeste e Linense, com todos os jogos disputados no Parque Antarctica, o velho estádio do Palmeiras. Na elite, a Ponte primeiro precisou avançar num torneio preliminar com 11 participantes, ficando com a quarta das cinco vagas.

A estreia de fato entre os grandes aconteceu num sábado: 27 de junho, menos de uma semana após a

conquista do tri pelo Brasil no México, em um empate chocho por 1 a 1 com o Corinthians, no Parque São Jorge, casa do Timão. Manfrini marcou o gol dos campineiros, Lima empatando para os locais. O grande momento da tarde, porém, aconteceu antes de a bola rolar, com a volta olímpica dos campeões do mundo Ado e Rivellino diante da torcida.

Candidato a astro, Dicá foi emprestado para o Santos em 1971, mas passou longe de ser um “novo Pelé” e voltou à Ponte para ser negociado de novo, no ano seguinte, com a Portuguesa. Lá, se deu bem: ganhou um Paulista, o de 1973, dividido com o Santos, e foi vice em outro, o de 1975, perdido para o São Paulo. Voltou à Ponte em 1976.

Virando grandes

Ponte e Guarani realizaram campanhas honestas na primeira metade da década de 1970. Chegaram até a sonhar com o título. Em 1974, a Macaca ficou a um ponto de conquistar o primeiro turno e uma vaga na final, mas acabou superada pelo Corinthians e caiu de produção no segundo turno; em 1976, o Bugre chegou a brigar pela ponta da fase final com Palmeiras e XV de Piracicaba, mas também caiu de rendimento e acabou na terceira posição. Também começaram a se firmar no cada vez mais inchado Brasileiro, dando trabalho aos chamados “grandes”.

Então chegou 1977. Nessa época, o formulismo do futebol brasileiro viveu seu auge: o Paulista foi disputado por 19 times, em dois turnos, em que todos se enfrentavam contra todos – mas divididos em 4 grupos apenas para efeitos de classificação. O Guarani foi às semifinais do primeiro turno contra o Botafogo, em jogo único, no Pacaembu: o empate sem gols nos 120 minutos classificou o time de Ribeirão Preto, que tinha



melhor campanha e, como prêmio, jogava pelo empate. O Botafogo venceria o São Paulo na decisão e revelaria ao mundo um craque alto, magro e com nome esquisito: Sócrates.

No segundo turno, o Corinthians ficou com o título em cima do Palmeiras. Assim, o Timão e o Botafogo fariam a decisão, certo? Não naquele campeonato, que tinha um terceiro turno, com os oito melhores das fases anteriores, que se enfrentaram em turno único, de novo divididos em dois grupos apenas para definir quem seriam os finalistas. Foi então que a Ponte Preta voou.

O time contava com um goleiro e um zagueiro central que seriam convocados para as três próximas Copas do Mundo, Carlos e Oscar; um meio-campo que jogava por música, liderado por Dicá; e um ataque com pontas insinuantes, Lúcio e Tuta, e um centroavante matador, Rui Rei. Nos sete jogos, a Macaca venceu cinco e empatou dois. O Corinthians ficou em segundo, com nove pontos. E foram os dois então para a grande decisão, em até três jogos, todos eles marcados para o Morumbi, na capital.

O Corinthians venceu o primeiro jogo por 1 a 0, gol de Palhinha, e preparou a grande festa para o domingo, dia 9 de outubro. Era a chance de acabar com um jejum

de 22 anos, e 146.082 cruzaram as catracas, no maior público da história do estádio. Vaguinho abriu o placar no fim do primeiro tempo, mas Dicá empatou e Rui Rei, aos 41 minutos do segundo tempo, definiu a vitória campineira, calando a Fiel.

Na verdade, adiando a comemoração por apenas quatro dias: na quinta seguinte, dia 13, o gol de Basílio selou a libertação corinthiana e frustrou o sonho da Ponte. A sanha por um culpado encontrou Rui Rei, o centroavante expulso antes dos 20 minutos por um bate-boca com o árbitro Dulcídio Wanderley Boschilia. Acusado de se vender, ele nunca mais vestiria a camisa da Ponte e, meses depois, comprou o próprio passe para acertar com o... Corinthians. Os caminhos de Rui Rei e da Ponte se cruzariam novamente dois anos depois, em nova decisão.

Capital do futebol

O sucesso da Ponte fez o Guarani se mexer. No Brasileiro de 1977, que começou antes mesmo do final do Paulista, o Bugre caiu na segunda etapa e viu a Macaca chegar até as fases finais. A vantagem foi ter mais tempo para se organizar e reforçar o time de olho no campeonato do ano seguinte, que começaria em março. O elenco, que já tinha nomes como o goleiro Neneca e os meias Zenon e Renato, o “pé murcho”, foi reforçado pela promoção de um centroavante de apenas 17 anos, abusado, com faro de gol e nome de palhaço: Careca. No banco, um técnico jovem que tentava se firmar na carreira: Carlos Alberto Silva.

Foi uma maratona: o Brasileiro de 1978 teve 74 participantes e três fases até as quartas de final. O Bugre fez campanhas discretas nas duas etapas iniciais e só começou a sobrar na terceira, quando apenas os dois primeiros avançavam. Então, liderou a chave, com



15 pontos em sete partidas – seis vitórias e um empate, sendo que as vitórias por três ou mais gols de diferença valiam três pontos. Foram dois 3 a 0, contra o Goytacaz e o poderoso Internacional, em pleno estádio Beira-Rio.

A Ponte ficou pelo caminho em outra chave, com a mesma pontuação do classificado Sport, mas com menos vitórias. E acabou “vingada” pelo rival: o Guarani atropelou o rubro-negro pernambucano, 2 a 0 em Recife, e 4 a 0 no Brinco de Ouro. Nas semifinais, de novo dois triunfos, agora contra o Vasco: 2 a 0 em casa, 2 a 1 no Maracanã. Viria então a final contra o Palmeiras. A melhor campanha na soma das fases garantiu ao Bugre a chance de decidir em casa e jogar por dois resultados iguais.

A taça começou a ser conquistada no Morumbi, numa gelada noite de quinta-feira, 10 de agosto. Melhor em campo, o Bugre abriu o placar num lance inusitado: aos 29 minutos, Zenon cobrou uma falta e Leão defendeu. Careca foi pressionar a saída de bola e o experiente goleiro, capitão da Seleção na Copa do Mundo disputada meses antes na Argentina, deu uma cabeçada no atacante ainda adolescente. A regra é clara, ao menos

para Arnaldo Cezar Coelho, o árbitro daquele dia, que marcou o pênalti e expulsou Leão. Como o Palmeiras não podia mais mexer, o atacante Escurinho foi para o gol. Zenon bateu com classe e definiu o placar.

Em casa, com a possibilidade de até perder por um gol, o Guarani foi senhor da partida, dominou o Palmeiras e liquidou a fatura com um gol de Careca, ainda no primeiro tempo. Pela primeira vez, um time de fora de uma capital conquistava o título brasileiro. Na verdade, Campinas é que se tornava, graças a seus times, uma capital: a capital da bola. O feito foi celebrado pela revista Placar dois meses depois: em outubro de 1978, o “Campinas FC, um time irresistível”, estampava a capa da revista. *(Ver ilustração que abre a matéria)*

Década de sucessos

A toada de bons times e bons resultados dos rivais seguiu, mesmo com a saída de alguns craques: Oscar foi para o São Paulo, caminho que seria seguido por Renato e logo depois por Careca; Zenon transferiu-se para o Corinthians.

Ainda assim, a Ponte seria vice-campeã paulista mais duas vezes: em 1979, derrotada pelo Corinthians de Rui Rei (depois de passar por um dérbi nas semifinais), e 1981, pelo São Paulo. No mesmo 1981, avançou até as semifinais do Brasileiro e só parou no campeão Grêmio.

O Bugre apareceu como uma máquina de fazer gols no ano seguinte: 53 marcados em apenas 20 partidas - num intervalo de três dias, na primeira fase, o time fez 8 a 0 no River-PI e 8 a 1 no Ceará. Parou também nas semifinais, também diante do futuro campeão, o Flamengo.

Em 1986, o Guarani, com um elenco bastante modificado, voltaria à decisão do Brasileiro, disputada já em fevereiro

de 1987. De novo, a aposta em jovens, como um zagueiro bigodudo chamado Ricardo Rocha e um atacante com mullets e fama de não perder pênaltis, Evair. Também havia um meia habilidoso, Marco Antônio Boiadeiro; um ponta-esquerda veloz, João Paulo; e um volante magro, de passadas largas e boa marcação, de nome Adenor na certidão de nascimento e que ficaria mundialmente conhecido como Tite.

Depois de superar Vasco, Bahia e Atlético-MG nos mata-matas, o Guarani encarou na decisão o São Paulo. Empate por 1 a 1 no jogo de ida, no Morumbi; na volta, no Brinco, dois gols em menos de dez minutos: Nelsinho marcou contra e abriu o placar para o time da casa, mas Bernardo empatou em seguida.

Na prorrogação, Pita botou o Tricolor na frente, mas Boiadeiro e João Paulo viraram. Tudo parecia decidido até aparecer, de novo, um personagem que alegrara Campinas anos antes e agora vestia a máscara de vilão: Careca.

Foi dele o gol, num petardo de canhota, que empatou a finalíssima em 3 a 3 e levou a decisão para os pênaltis. Curiosamente, o próprio Careca errou sua cobrança, assim como os craques bugrinos João Paulo e Boiadeiro. O gol do título são-paulino coube a Wagner Basílio, que, daquelas ironias da vida, tinha colocado no banco o ex-ponte-pretano Oscar, em má forma física.

O começo do fim

A derrota na final foi só a primeira das decepções que o futebol campineiro sofreria naquele 1987. Constantemente desfalcado de Ricardo Rocha, Evair e João Paulo por causa da Seleção, o Bugre fez campanha discreta no Paulistão e na Libertadores; a Ponte, por sua vez, fez um péssimo Estadual, que culminou com

o rebaixamento, selado por uma derrota por 1 a 0 para o Palmeiras. Mas a pior notícia veio dos bastidores: com a decisão da CBF de não organizar o Brasileiro e a criação do Clube dos 13, os dois clubes campineiros foram alijados da primeira divisão nacional.

Vice-campeão meses antes, o Guarani se viu obrigado a jogar o Módulo Amarelo, que na prática se configurava como uma segunda divisão; a Ponte, que havia ficado em 22º lugar no ano anterior, caiu no Módulo Azul, um dos pedaços do terceiro nível. Chegou até a terceira fase, sendo eliminada pelo Uberlândia.

O Guarani jogou com a honra possível o campeonato e chegou à decisão, contra o Sport. Venceu o jogo de ida por 2 a 0, em Campinas, e perdeu a volta por 3 a 0, em Recife. Como o regulamento ignorava o saldo de gols, o empate na prorrogação levou a uma decisão por pênaltis encerrada após empate por 11 a 11. Como Flamengo e Inter, campeão e vice da Copa União, o torneio do Clube dos 13, se recusaram a jogar o quadrangular exigido pela CBF, Bugre e Leão fizeram mais duas partidas, já em janeiro de 1988: 1 a 1 no Brinco de Ouro, 1 a 0 Sport na Ilha. Pelo segundo ano seguido o alviverde amargava um vice nacional.

E aí voltamos ao começo desta história, o Paulista de 1988, que terminou com mais um vice para o Guarani, que fez a melhor campanha da fase de classificação, teve a chance de decidir em casa, mas acabou superado pelo gol de Viola na prorrogação.

A Ponte fez pior: tentou reverter o rebaixamento no tapetão e chegou provisoriamente a conseguir a vitória na Justiça, obrigando a Federação Paulista de Futebol a marcar os jogos – que depois foram cancelados. Sem datas, o time também não conseguiu jogar a segunda divisão, que só foi disputar em 1989. ■





A esperança que vem da imigração

Canadá | Por Anderson Moura

Imigrantes se firmam no futebol canadense e permitem que o país sonhe com dias melhores no esporte

Enquanto Donald Trump fecha portas e sobe muros, o ministro do Interior da Itália deixa refugiados entregues à própria sorte no mar mediterrâneo. Mas alguns países ainda nadam contra a correnteza e tratam a crise migratória de forma mais humana, também aproveitando o processo como uma oportunidade. Liderado por um primeiro ministro que não se cansa de dizer que a diversidade é o que faz a força de seu país, o Canadá cada vez mais reforça sua política de acolhimento a cidadãos estrangeiros. E assim como acontece em diversos setores profissionais, o futebol também começa a se aproveitar disso.

Cada país tem sua própria legislação para naturalização e/ou obtenção de cidadania, muitas vezes um processo demasiadamente burocrático e cuidadoso. Mas, quando falamos de futebol, esse assunto pode ficar um pouco mais nebuloso, já que por vezes se trata apenas de uma oportunidade profissional.

Um país “X” não possui jogadores qualificados para a posição “Y” e busca uma solução estrangeira para o seu problema. À primeira vista, o tema parece polêmico. Pode acontecer, é claro, mas fica mais difícil criticar essa situação quando isso faz parte de uma política de Estado que abrange toda a sociedade e não uma fatia específica. Um grande exemplo é a Suíça.

O país europeu recebeu milhares de fugitivos amedrontados pelos conflitos que aconteciam nos Balcãs na década de 1990. Anos depois, a seleção de futebol colheu frutos pela integração destes povos, mas claramente a relação entre as duas coisas foi orgânica e sem interesses exclusivamente esportivos, como aconteceu, por exemplo, com a seleção russa de futsal, que chegou a contar com cinco atletas brasileiros na Copa do Mundo de 2012.

Ao ver as últimas convocações da seleção canadense, alguém pode pensar que o mesmo acontece com o vizinho dos EUA, mas nesse caso o time é um espelho de seu povo. Para começo de conversa, debater o conceito de imigração com um canadense é uma tarefa complexa. É importante ter em vista que alguns locais defendem a tese de que, apenas os indígenas habitantes dessas terras antes da chegada dos europeus são, de fato, canadenses.

Pode parecer uma visão segregadora ou radical, mas há quem veja isso como uma forma de preservar e valorizar um povo que, assim como maioria dos ameríndios, passou por processos de degradação e expropriação cultural. E, de fato, fica cada vez mais difícil rotular as pessoas em canadenses ou não canadenses, já que a política de imigração que teve início na década de 1960 vive hoje seu auge, com o país recebendo cerca de 300 mil pessoas por ano e 21,9% da população local sendo formada por imigrantes.



Ausente da Copa do Mundo desde 1986, o Canadá pode ter sua participação no Mundial de 2026 garantida pelo fato de ser um dos países-sede, ao lado de México e Estados Unidos. Contudo, a FIFA ainda não decidiu oficialmente se a classificação dos anfitriões desta edição será automática. Portanto, é melhor que os canadenses esqueçam isso e foquem no Mundial de 2022, no Catar. Para isso, a ordem é investir na juventude.

Como o censo de 2016 demonstrou, a cada cinco crianças nascidas no Canadá duas são filhas de imigrantes (37,5%). É evidente que essa renovação caminha de mãos dadas com as pluralidades que as nações presentes no Canadá proporcionam. Nessa salada geopolítica que o país norte-americano reúne, dois atletas merecem atenção especial: o meia Jonathan Osorio e o ponta Alphonso Davies.

O primeiro nasceu em solo canadense, mas traz em seu coração o amor pela Colômbia, terra de seus pais. Membro das categorias de base do Toronto FC desde 2012, o jogador chegou a passar por períodos de treinos no Huddersfield, e no Werder Bremen até se firmar como uma peça importante no time canadense que conquistou a MLS em 2017. Durante a temporada regular, Jonathan era visto apenas como um bom reserva após

a chegada do espanhol Victor Vázquez, mas ganhou espaço nos playoffs quando a equipe passou por uma mudança tática.

Depois de levantar o troféu da MLS e da Copa do Canadá, o Toronto ficou perto de uma tríplice coroa quando chegou até a final da Liga dos Campeões da Concacaf. Na ótima campanha, o time eliminou dois mexicanos (Tigres e América), deixando o título escapar apenas na final, contra o Chivas Guadalajara, nas cobranças de pênaltis. Osorio, por sinal, foi um dos que desperdiçaram cobranças, mas foi o artilheiro da competição, mesmo sendo um meia de origem. Além disso, acabou sendo eleito para a seleção do campeonato.

Em um grupo que tem nomes mais badalados como Michael Bradley, Jozy Altidore e Sebastian Giovinco, o prata da casa traz esperanças não só a nível clubístico, mas também ao futebol nacional.

Aos 26 anos, Osorio é a prova de que por mais que os canadenses tenham investido muito em contratações de peso, o olhar para o desenvolvimento dos atletas locais não deve ser desprezado. Em adição a isso, existe mais um atleta em condição semelhante que atua do outro lado do país e incita ainda mais o imaginário canadense.

Primeiro jogador nascido nos anos 2000 a atuar na MLS, atleta mais jovem a defender e a marcar um gol pela seleção canadense e nova aquisição do gigante Bayern de Munique, Alphonso Davies seria um garoto-propaganda ideal para o governo canadense.

Os pais do jogador são da Libéria e fugiram do país africano durante a segunda guerra civil (1999-2003), indo parar em um campo de refugiados ao oeste da capital de Gana, Accra. Foi lá que Alphonso nasceu e viveu até os cinco anos, até que sua família conseguiu adentrar

ao Canadá, inicialmente na província de Ontario. Pouco tempo depois, o atacante viveu mais uma mudança, dessa vez para a fria Edmonton, que fez com que os olheiros do Vancouver Whitecaps conhecessem e apostassem no menino, rapidamente incorporado às categorias de base da equipe com 15 anos. Nos últimos dois anos, muita coisa aconteceu, recordes foram quebrados e o jogador foi sondado por diversos gigantes europeus até decidir que seu destino inicial no Velho Continente será o Bayern de Munique, a partir de janeiro de 2019.

O que torna a cinematográfica história de vida de Alphonso e sua família algo ainda mais feliz é saber que por mais que ela seja singular, por uma série de motivos, muito provavelmente não será única. Quando Donald Trump vetou a entrada de viajantes vindo de sete países de maioria muçulmana, Justin Trudeau, o Primeiro-ministro canadense, liderou um programa que deu abrigo a quase 40 mil refugiados sírios. Vale ressaltar que todas essas chegadas não são motivadas apenas porque o canadense é um povo simpático que quer ajudar pessoas com dificuldade sem ganhar nada em troca. O país precisa de trabalhadores qualificados em diversos setores, pois tem uma densidade demográfica ínfima fora dos grandes centros e uma população envelhecida.



O país simplesmente não teria capacidade de ter um crescimento econômico estável sem essas pessoas. E dentro dessa necessidade, há um novo movimento migratório que pode favorecer o crescimento do futebol no país do hóquei.

Países asiáticos (incluindo também o Oriente Médio) ainda são a origem de muitos dos estrangeiros que vão se aventurar no Canadá, mas o número de sul-americanos e, principalmente africanos, tem aumentado. Tanto é que, pela primeira vez, a África foi o segundo continente que mais enviou pessoas ao Canadá. O reflexo dessa mudança, quando falamos especificamente sobre futebol, mostra-se da seguinte forma: o fluxo de países que não têm o futebol como seu principal esporte (o top 5 'exportadores' é formado por Filipinas, Índia, China, Irã e Paquistão) vem diminuindo – timidamente, é verdade - e o aumento de um pessoal que tem o futebol mais inserido em sua cultura local, como os africanos (Nigéria, Argélia, Egito, Marrocos e Camarões são os que lideram as chegadas ao Canadá), vem acontecendo ano após ano.

Com o decorrer do tempo, isso irá influenciar diretamente no número de praticantes e consumidores do esporte em território canadense. E aqui é primordial usar a palavra consumidores, já que apesar de atrair muitos espectadores aos estádios, o futebol ainda não é visto como algo rentável aos grandes investidores canadenses — sobretudo quando comparado ao beisebol, ao basquete e ao hóquei de gelo. A exemplo do que acontece no futebol, as equipes canadenses também disputam as grandes ligas estadunidenses nesses esportes e, obviamente, dançam conforme a música americana. Histórias de superação criam vínculos de identificação com crianças e adolescentes que praticam o esporte de forma recreativa ou sem compromisso. Mas, no fim das contas, fica difícil captar



Milan Borjan
PN: Croácia



Marcel De Jong
Pais holandeses



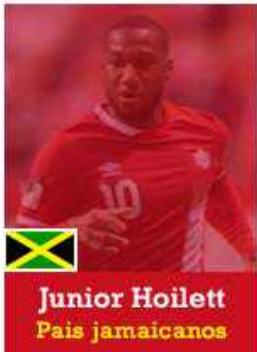
Dejan Jakovic
PN: Croácia



Manjrekan James
PN: Dominica



Zachary Brault-Guillard
PN: Haiti

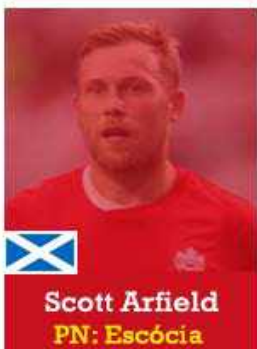


Junior Hoilett
Pais jamaicanos

Atlas canadense

Veja como atletas recentemente convocados para a seleção vermelha carregam consigo ou herdaram uma miríade de outras bandeiras

*PN: País de nascimento



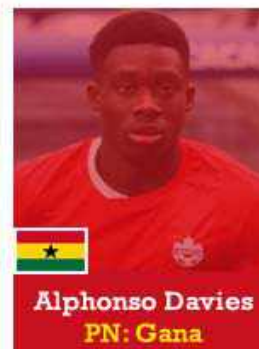
Scott Arfield
PN: Escócia



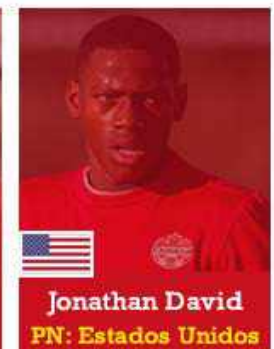
Jonathan Osorio
Pais colombianos



Tesho Akindele
Pai nigeriano



Alphonso Davies
PN: Gana



Jonathan David
PN: Estados Unidos

jovens dispostos a trocar a prática de outros esportes pelo futebol se não há investimento e grande exposição a eles. O bom momento vivido pelo Toronto FC gerou um impacto na maior e mais populosa cidade do país, assim como a venda de Davies abriu os olhos de muitos outros em Vancouver. Entretanto, muitos passos ainda precisam ser dados quando se fala do resto do Canadá.

O futebol feminino vem conseguindo resultados expressivos nos últimos anos, principalmente nos Jogos Olímpicos, apesar de ter sofrido um duro golpe quando o treinador da seleção deixou o cargo para assumir a equipe masculina, em janeiro de 2018. Por fim, o projeto de uma liga nacional ainda está engatinhando, com início previsto para 2019 e contando com apenas sete equipes, a princípio. Assim como têm sido em todas as áreas do país, os imigrantes podem ser a chave que a nação precisa para abrir suas portas ao sucesso neste novo desafio. ■





O dia em que o Cruzeiro tomou o trono do Santos

Grandes Batalhas | Por Wladimir Dias

No confronto entre experiência e juventude, valeu mais a genialidade e a vontade de crescer do time mineiro

Existiu um tempo em que, no futebol, não se analisava os adversários antes de uma partida. A falta de treinos fechados, que deixava tudo muito transparente, opunha-se à carência de imagens do que se passava dentro das quatro linhas. Favorecia-se a afirmação de mitos e era fácil estabelecer hierarquias. Nesse sentido, o Santos de Pelé era um dos maiores — não só no Brasil.

O alvinegro praiano deixava o litoral paulista para varrer impiedosamente seus rivais. Mas nenhum reinado é eterno e mesmo liderado pelo maior expoente da história da Canarinho, o Santos caiu uma hora. A experiência

paulista foi subjugada brutalmente pela juventude de uns destemidos meninos mineiros.

As cinco estrelas que o Cruzeiro carrega no peito têm uma história formidável. Como diz seu hino, o clube carrega “páginas heróicas imortais”. A despeito disso, se fosse o caso de contar quantos astros aquele time santista possuía, certamente eles não caberiam em uma mão. Só campeões mundiais eram cinco — o que não incluía, por exemplo, o capita de 1970, Carlos Alberto Torres. Gilmar, Mauro, Zito, Pepe e, claro, Pelé, formavam a base daquele time que viajou a Belo Horizonte em fins de novembro de 1966.

O Mineirão, a casa que tantas vezes veria os clubes mineiros provocarem as mais verdadeiras e humanas emoções em seus torcedores, também era uma novidade. O Gigante da Pampulha tinha pouco mais de um ano de existência, era um palco moderno e necessário; o local ideal para um mestre veterano passar o bastão para um jovem pupilo. E era, de fato, hora disso acontecer, afinal um dos grandes pecados do esporte é ser praticado por seres vivos que envelhecem e, aos poucos, perdem suas habilidades.

É bem verdade que, chegando à final da Taça Brasil, os mineiros mereciam atenção e créditos. Mas quem ousaria dizer que aquele time sem grandes conquistas bateria no mais temido brasileiro de então?

O Santos eram um time cujos grandes destaques eram trintões. A exceção era Pelé. Já o Cruzeiro, em que pese o certo desconhecimento nacional, tinha vários diamantes começando a brilhar. “Esse jogo foi marcante para o Cruzeiro se tornar uma equipe nacional e até bastante conhecida fora do país. Coincidiu com o início do Mineirão, inaugurado em 1965. O Brasil percebeu que havia um grande time em Minas Gerais, e o Cruzeiro

passou a ser atração em todos os estádios”, garantiu Tostão, um dos protagonistas daquele jogo, à *Relvado*.

Mas por que foi que a equipe celeste ganhou tanta notoriedade? Simples, porque, inapelavelmente, “tocou” o Santos de sua casa; como diz o ditado, provou que “o mar não estava para peixe”. “[O momento mais inesquecível do jogo] Foi quando terminou o primeiro tempo (5 a 0). Inacreditável. Os jogadores do Cruzeiro se olhavam, e os olhos brilhavam de alegria”, pontuou o craque. Não era para menos. O time mineiro mostrou, uma vez mais, que no futebol há sempre espaço para o insólito, o imponderável. Quem eram esses meninos que tanta tormenta causaram ao alvinegro?

Eles eram Tostão, Dirceu Lopes, Piazza, Evaldo, Natal, Zé Carlos, Raul Plassmann... A experiência cabia a William e Procópio Cardoso, os beques daquele esquadrão. E a juventude cruzeirense deixou os santistas logo sem fôlego. Com um minuto de jogo, o Zé Carlos santista (o Cruzeiro possuía um homônimo) cumprimentou as redes para inaugurar o marcador. Não contava com o fato de ter vazado a sua própria meta. Na ânsia de frear o fulminante início de jogo cruzeirense, traiu o goleiro Gilmar. Cinco minutos depois, um chute cruzado de Natal aumentou a vantagem mineira.

Então apareceu Dirceu, que, aos 20, de perna esquerda surpreendeu a todos com um chute de fora da área. Nem o goleiro santista conseguiu acreditar no tiro acertado, ficando abraçado à trave. Entrosados, complementares e perfeitos um para o outro, Dirceu Lopes e Tostão alternaram papéis naquela noite.

Tostão participou mais da armação do que da concretização das jogadas, deixando essa incumbência para seu parceiro, que aos 39 aproveitou uma bola mal afastada pela defesa santista e carimbou o quarto gol

celeste. Os efusivos socos no ar nas comemorações de Dirceu davam a nota exata de que os próprios atletas sabiam que estavam fazendo história. E depois de jogada insinuante de Natal, Dirceu foi derrubado na área santista em penalidade convertida por Tostão. Era o 5 a 0, pouco antes do final do primeiro tempo.

As arquibancadas questionavam em tom de provocação: “onde está Pelé?”. Gostaria de imaginar o que se passou no vestiário do Santos naquele dia. Certo é que o ânimo foi renovado, com Toninho Guerreiro arrancando dois gols para os paulistas logo no início da segunda etapa.

Porém, nem seu chute no ângulo superior do gol de Raul e a sequente conclusão de uma jogada de Dorval puderam alterar aquela situação. Dirceu estava infernal e, aproveitando um rebote de Gilmar, com um leve toque, quase cruel, aos 27 minutos sentenciou o rival: 6 a 2.

Pelé, despercebido durante o jogo, protagonizou uma confusão pouco depois. Foi expulso e levou Procópio junto. De nada adiantou. O segundo jogo, em Santos, já parecia desnecessário. Ainda assim, a vitória cruzeirense por 3 a 2 só serviu para confirmar que em 1966 não havia melhor time no Brasil do que o Cruzeiro, o time que destronou aquele que para muitos foi o maior rei da história do futebol brasileiro.

“O Cruzeiro tinha um time de ótimos jogadores, jovens, que se completavam. Com um futebol rápido, surpreendemos o Santos, que, na época, já dava sinais de declínio, de lentidão. Evidentemente que 6 a 2 foi demais”, arrematou Tostão.

Foi mesmo demais, mas não no sentido do advérbio que confirma um exagero, e sim no da popular interjeição que revela a presença de algo verdadeiramente brilhante, extraordinário. ■





O reinado de um príncipe

Entrevista | Por Wladimir Dias

É impressionante como 40km podem ser suficientes para mudar por completo uma realidade. A constante atividade da capital mineira, Belo Horizonte, contrasta com a calma de Pedro Leopoldo, cidade de pouco mais de 60 mil habitantes, na região metropolitana de BH. E foi lá que, terminada sua carreira como jogador de futebol, Dirceu Lopes decidiu continuar sua vida de homem comum. Retornando às origens e encarando com naturalidade a fama que o sucesso dentro das quatro linhas o proporcionou.

É na rua Dirceu Lopes, obviamente uma homenagem ao filho mais famoso da cidade, que se situa a casa que construiu para sua família, onde sua irmã, de indiscutível semelhança física, recebe as visitas com um dos grandes cartazes de Minas, o cafezinho. E então, com uma dose de cafeína ao alcance, bem como um copo d'água para evitar o secar da garganta, uma conversa agradável se inicia.

O pontapé inicial foi um assunto essencial e hábil a servir como gancho para os demais, a conquista da Taça Brasil de 1966 pelo Cruzeiro, seu time do coração. “É interessante perceber como o torcedor do Cruzeiro tem uma gratidão com a gente e o título de 66. Eu reputo como o título mais importante da história do Cruzeiro”, diz. Não se engane, não há sombra de soberba nessa fala, assim como não existe falsa modéstia.

“Claro, todos são [importantes], mas aquele pelos acontecimentos do pós-título [é mais]. Ele mudou a história do futebol mineiro, mudou a história do Cruzeiro e, posteriormente, a história do futebol brasileiro. ‘O quê? Nunca ouvi falar nisso não’. Aquele título foi tão forte que é como se falássemos hoje em ganhar de Barcelona, Real Madrid, dos melhores times do mundo. O Santos era o melhor time do mundo, uma verdadeira Seleção Brasileira”. Era mesmo. Cinco titulares santistas já haviam conquistado o título da Copa do Mundo com a Canarinho e outros, como Carlos Alberto Torres, ainda o conquistariam.

Por sua vez, o Cruzeiro era um time de que pouco se falava. “O Cruzeiro era o terceiro time de Minas. O clássico era Atlético e América. E essa questão de ‘tremer’ [em alusão à rivalidade atual entre Atlético e Cruzeiro] era com o América. Ia jogar contra o América, o pessoal ficava...”. Não era só o clube celeste que inspirava pouca atenção do público nacional, o futebol mineiro como um todo vivia à sombra dos acontecimentos do famigerado “eixo”, formado por Rio de Janeiro e São Paulo.

“O time do Santos não conhecia o Cruzeiro, o futebol brasileiro não conhecia o futebol mineiro, que era um revelador de jogadores para Rio e São Paulo. É igual hoje com a Europa”. Então, nota-se uma ponta de orgulho na fala do craque, que não disfarça a satisfação com o efeito que aquela conquista provocou no país. “O Santos

não tomava conhecimento do adversário. Em qualquer parte do mundo, só jogava daquele jeito. Não tinha a preocupação que hoje se tem de fazer treinamento fechado. Antigamente, tudo era aberto. E como é que você ia fazer um esquema para parar o Santos? Era quase imbatível. Se eles jogassem 100 jogos, perderiam um ou dois. Mas era igual o Cruzeiro naquela época. Nós também não tomávamos conhecimento do adversário”.

Mais até do que o resultado daquela final, talvez o início fulminante do jogo de ida seja a melhor prova disso. Não é qualquer time que aterroriza tanto e tão rapidamente uma equipe como a do Santos ao ponto de provocar um gol contra com um minuto de jogo.

“O Santos já estava no auge e alguns jogadores estavam no final de carreira. E o nosso time, ao contrário, estava começando, com muito entusiasmo, e uma velocidade espantosa. No 5 a 0 no primeiro tempo nem nós, jogadores, acreditávamos. Foi acontecendo gol atrás de gol, parecia que o Santos estava atordoado”.

E não foi apenas o alvinegro praiano que ficou impressionado com o que a companhia celeste, liderada ofensivamente por uma das grandes duplas da história do futebol, Dirceu e Tostão, fez. O Brasil se curvou àquele grupo de meninos destemidos e de talento assombroso: “no segundo jogo, confirmou-se que não houve zebra, que o time do Cruzeiro era melhor. Mas foi um feito que chamou a atenção do Brasil. O Cruzeiro começou a ser solicitado para jogar em Curitiba, na Bahia, em São Paulo, Rio de Janeiro e os estádios ficavam todos assim [cheios]. Do Brasil, nós passamos para o mundo. O Cruzeiro viajava todo ano, fazia uma média de 20 partidas pelo mundo inteiro”.

É curioso também perceber que, não raro, apontam-se fatores justificadores dos sucessos que as equipes

de futebol obtêm. Entretanto, aquele esquadrão celeste teria se formado de forma “natural”, sem muita estratégia pensada. “[A formação do time] Foi uma coisa normal e natural que aconteceu. Na época em que eu cheguei ao Cruzeiro, eu era considerado um menino, com 16 anos. Hoje eu seria um rapaz [risos]. Eu nem sabia andar em Belo Horizonte, tinha um primo que me trazia e me levava”.

E não foi apenas com Dirceu que as coisas se encaminharam organicamente, “foi daquelas coincidências que existem e não sabemos explicar. Foi chegando um daqui, outro dali e se montou esse time. Não foi contratando. Eu fui do juvenil. Natal estava lá. Pedro Paulo também. O Piazza já havia passado pela base do Cruzeiro, mas havia sido dispensado e estava jogando no Renascença. Tinha também o William, o Procópio, o Vavá que eram zagueiros experientes, que foram muito importantes no crescimento”.

“Em 1965, o time já estava montado. Todos novinhos, na faixa dos 19, 20 anos”, recorda Dirceu, que chegou ao Cruzeiro em 1963, para integrar o time juvenil. Aquele time



era tão sublime, que, segundo contou o Príncipe, como ficou conhecido o entrevistado, ocasionou uma injustiça histórica. A conversa ia e vinha e, inevitavelmente, alguns casos foram surgindo.

“Eu estive há pouco tempo em um evento em Divinópolis, me fizeram um convite para o aniversário de um promotor de justiça. Fui, e, conversando, o promotor me falou uma coisa muito interessante, que eu não tinha atinado: ‘olha, Dirceu, a vida às vezes comete injustiças, que às vezes não se tem como corrigir. A geração de vocês foi tão forte que todo o Cruzeiro do passado não é lembrado’”.

De fato, ele atesta: com o passar dos anos ouviu muito pouco a respeito dos heróis de sua infância, daquela geração que o fez um cruzeirense fanático. Mas aquele título emblemático foi só o começo de sua trajetória. Tinha pouco mais de 20 anos quando ajudou a varrer o Santos. Não demorou muito para estreiar pela Seleção Brasileira e se tornar parte fundamental da geração que ganharia a Copa do Mundo de 1970, depois de uma participação ruim quatro anos antes.

O jornalista e treinador da equipe às vésperas do Mundial, João Saldanha, tinha o pedroleopoldense em alta conta: “o Saldanha falava que eu era o jogador mais importante para ele. Ainda falava com ele, ‘você está esquecendo do negão [se referindo a Pelé]?’ e ele ‘não, você é mais importante para mim do que ele’. E eu ficava ‘caramba’”. O comandante havia conseguido restabelecer a Canarinho após o colapso de 1966.

“O Saldanha era comunista e não admitia interferência na seleção brasileira. Ele estava se tornando um ídolo, porque a Seleção era uma bagunça. Ele moralizou: convocou 22 jogadores, 22 feras, a Seleção Brasileira convocava 40 jogadores. Diziam que o ambiente era

péssimo. Um querendo derrubar o outro. Então, o João entrou e moralizou. Aí voltou o ambiente bom”.

Como mencionou Dirceu Lopes, Saldanha era comunista e não aceitava que lhe dessem ordens a respeito de seu trabalho. O resultado disso foi a troca de comando da Seleção às vésperas da Copa do Mundo, com o ingresso de Zagallo. E Dirceu ficou fora da disputa. “Foi a maior decepção que eu tive no futebol e na minha vida [...] eu carreguei isso com certa mágoa, com decepção por bastante tempo, mas fui amadurecendo e felizmente não me deixou marcas [...] Foi um baque, podia ter acabado com a minha carreira”.

Um dos argumentos veiculados pela imprensa para justificar a ausência de um craque de tamanha estrela naquele Mundial foi a interferência de Emilio Garrastazu Médici, que teria imposto a convocação de Dario, o Dadá Maravilha. Dirceu confirma a história do chamado do ídolo do rival, Atlético Mineiro, mas não aponta tal fato como crucial para ter sido deixado de lado.

“Fazendo uma auto-análise o maior culpado fui eu mesmo. Eu tinha um problema de timidez. Se você está em grupo e são cotados alguns funcionários, aqueles que falam, vão, aquele que se cala, fica. Foi o que aconteceu comigo. Eu vi jogadores tecnicamente limitados. E ainda teve outros casos, o Rogério ponta direita do Botafogo foi com distensão na virilha. E antigamente esse problema demorava seis meses [para curar]. Ele não ia jogar nunca [Rogério acabou cortado]. As pessoas às vezes falam que o Dario foi convocado no meu lugar, não foi no meu lugar, porque ele era centroavante. Ele foi convocado pelo presidente da república, o Médici, que era apaixonado com futebol, tudo quanto era jogo que tinha aqui em Minas, no Maracanã ele ia, depois ia ao vestiário nos cumprimentar. O cara que mais matou neste país”.

Dirceu ainda representou a Canarinho mais vezes, mas nunca chegou perto de obter o estatuto que tinha no Cruzeiro. Terceiro jogador que mais vestiu a camisa do clube mineiro, com 610 jogos e segundo maior artilheiro, com 223 tentos, o craque esteve no elenco do Cruzeiro entre 1964 e 1977. Fazia parte do time que venceu também a Copa Libertadores de 1976, mas com problemas físicos acabou não sendo um dos protagonistas da conquista. Claro, já na faixa dos trinta anos, não era o mesmo atleta, o que, em nada, diminuiu sua genialidade — muito pelo contrário.

“Os mais visados eram eu e Tostão, só que quando estávamos juntos, era quase ‘imarcável’ [...] Havia marcação especial. Quando Tostão saiu [vendido ao Vasco] a marcação era maior sobre mim. Então, dificultou. Só que com o tempo, eu fui aprendendo a correr menos e produzir mais. Eu sempre tive o dom de observar. Eu observava Pelé jogar. Eu observava Garrincha jogar. A primeira vez em jogamos com o Botafogo aqui, que o Garrincha veio, nossa mãe, o cara era um mito, não só ídolo. Ele passou uns 15 minutos sem pegar na bola. Quietinho, paradinho no meio de campo. E a gente naquela tensão de início de jogo ‘marca ele’, e era a mesma coisa com o Pelé, ‘não deixa o negão’, porque se ele pegasse a bola no meio de campo já era perigo de gol. Então quando eu fiquei sozinho, às vezes me escondia do jogo, estrategicamente. Eu ficava parado na ponta direita, o ponta, o Natal, vinha para o meio. E esqueciam de mim. E aí, de vez em quando, me jogavam a bola e aí pronto, resolvia”.

Aliás, se a formação dos times do Cruzeiro em que Dirceu atuou teve um quê de sorte, de oportunidade, fora dos campos o trabalho era muito bem feito. As lembranças do meia dão conta da importância do trabalho de bastidores que era feito pelos dirigentes azuis. “O Cruzeiro teve dois gênios na sua administração, que foram o Felício Brandi

e o [Carmine] Furletti. Um completava o outro, o Felício era o financeiro, aquele camarada que tudo em que põe a mão vira ouro. E o Furletti era um pai para todos nós, ele sabia o respeito que a gente tinha com ele. O grande sucesso do Cruzeiro foi ter Furletti e Felício”.

A conquista da Libertadores, inclusive, teria passado pelas mãos dos mandatários: “o Cruzeiro só ganhou aquele título, porque eles investiram nos bastidores [...] você pega a história e vê que os times argentinos têm muito mais títulos que os brasileiros por causa daquela época. Não tinha televisão, jogar na Argentina e no Uruguai... Que fria. Eles sabem fazer [catimba]. Argentino e uruguaio sabem fazer. O Uruguai caiu muito, mas era igualzinho à Argentina. Eles dão socos, cotoveladas, você cai eles pisam e juiz não vê. Eles sabem. O brasileiro não sabe fazer isso. Os argentinos são ‘carne de pescoço’”.

Obviamente que, com tanto tempo de casa, o ex-meia fez grandes amigos no futebol e parceiros. Dentro do campo, não deixa margem para dúvida: “Meu melhor parceiro foi Tostão, sem dúvidas. Parecia aquelas coisas de coincidência, parecia que nós já nos conhecíamos há muitos anos. Um completava o outro. A inteligência que ele tinha eu não tinha, eu era mais força física, a velocidade que eu tinha, ele não tinha, mas em compensação, ele parecia aqueles camaradas que fazem o futebol parecer fácil demais. Tem uns caras que jogam tão fácil...”.

Fora deles, seu grande amigo acabou sendo Piazza, mas ele não se esquece, por exemplo, do argentino Roberto Perfumo: “eu passava apertado com ele, porque eu fui cicerone dele em Belo Horizonte. Tudo era eu, ‘baixinho, preciso comprar não sei o que, arrumar um apartamento’. É afinidade. Ele era um gentleman. Dentro de campo às vezes eu também passava apertado, porque não estava bem, aí o Cruzeiro levava um gol e

“Diziam que o ambiente era péssimo. Um querendo derrubar o outro. Então, o João [Saldanha] entrou e moralizou. Aí voltou o ambiente bom”.

Sobre os primeiros meses de Saldanha no comando da Seleção Brasileira, antes da Copa de 1970.



ele ‘baixinho, que está passando? Que está fazendo, não quer jogar?’”. Ele também não deixa de lembrar de seus grandes treinadores: “Eu tive o privilégio de ter um dos maiores treinadores de futebol no Brasil. Um dos quais é considerado um gênio do futebol que foi o Martim Francisco. Ele treinou o Athletic Bilbao, foi treinador do Vasco, de 1956, do ‘Expresso da Vitória’... Era um gênio e foi o cara que me lançou. Conheci Oswaldo Brandão, campeão no Palmeiras principalmente, também foi um senhor treinador. O próprio Saldanha, não por gostar de mim, mas era muito inteligente e apaixonado com o futebol, estudava. Esses foram treinadores muito importantes na minha vida”.

É impossível dissociar o futebol da vida no caso de Dirceu Lopes, que olha para trás com uma alegria que não precisa de palavras para ser percebida. Os olhos marejados são mais que reveladores:

“Eu fui safenado e dizem que toca o coração, dizem que a gente fica mais sensível, e eu já era, então não leve a mal, eu sempre fui chorão e agora estou demais [...] O futebol para mim foi uma realização. Eu vim de uma família muito humilde. Inclusive passando necessidade até de comida [pausa, emocionado] então eu vivi isso quando menino e pedia a Deus que me fizesse jogador de futebol do Cruzeiro, para que eu pudesse dar conforto à minha família. O grande trunfo que tive na vida foi esse, levar uma vida sadia, o futebol a sério, não me envolver com qualquer coisa errada, sempre me cuidei muito, corria feito um não sei o quê [...] Tenho comigo que se eu conquistei foi porque fui merecedor, mas acho que Deus errou na dose comigo. Eu pedi uma coisa e ele me deu muito mais [...] O primeiro dinheirinho que eu ganhei, dei um presente para o meu pai, um carro. Então a vida inteira eu nunca desassociei da minha família”.

Mais uma vez, vem a naturalidade ocupar um espaço no seu discurso. Ao falar do reconhecimento que existe em relação a si, elenca uma série de situações, sem se vangloriar. Dentre elas, lembra-se de uma homenagem ao astro português Eusébio: “acho que sou o único jogador do Cruzeiro que já vestiu a camisa da FIFA, na despedida de Eusébio, em 1973. Foram convidados, do Brasil, só eu e o Pelé. E tive uma das maiores emoções da minha vida. Estava lá o [Ferenc] Puskas e o Gento, do Real Madrid, eles eram do maior time do mundo. E os dois me chamaram pelo nome”.

Recentemente, também se lembrou com afeição do dia em que conheceu Alex, astro do Cruzeiro na conquista da Tríplice Coroa, em 2003. O Talento Azul, como é lembrado, contou-lhe que Dirceu era um dos ídolos de seu pai e que sempre ouvira falar de seus feitos.

Aliás, para ele, não há discussão: Pelé e Garrincha são os melhores jogadores de futebol de todos os tempos. Até



faz menção a Maradona, Cruyff, Zico e ao próprio Eusébio, mas é taxativo: “Pelé e Garrincha foram inigualáveis”.

Há poucos anos, em 2013, também viveu outro emocionante capítulo de sua história. A Revista Placar, responsável pelo tradicional prêmio “Bola de Prata”, que escolhe os melhores jogadores de cada ano no futebol brasileiro, concedeu-lhe tardiamente a honraria de melhor jogador do futebol brasileiro em 1971, com a entrega da Bola de Ouro, láurea máxima.

“Eu não sabia. 40 anos depois. A Bola de Ouro não existia em 71, só que eles pensaram e resolveram me fazer essa homenagem. Eu não imaginava, pensava que ia lá [na premiação] entregar o troféu para o Éverton Ribeiro e aí eles começaram a falar: ‘vamos voltar no tempo para corrigir uma injustiça cometida’ e começou a passar no telão, com uma cortina de fumaça, e eu comecei a perceber ‘engraçado, parece comigo, Meu Deus’. E era eu. Foi muita emoção, eu não tenho palavras para expressar o que eu sinto. Só eu que vou saber”.

faz menção a Maradona, Cruyff, Zico e ao próprio Eusébio, mas é taxativo: “Pelé e Garrincha foram inigualáveis”.

Há poucos anos, em 2013, também viveu outro emocionante capítulo de sua história. A Revista Placar, responsável pelo tradicional prêmio “Bola de Prata”, que escolhe os melhores jogadores de cada ano no futebol brasileiro, concedeu-lhe tardiamente a honraria de melhor jogador do futebol brasileiro em 1971, com a entrega da Bola de Ouro, láurea máxima.

“Eu não sabia. 40 anos depois. A Bola de Ouro não existia em 71, só que eles pensaram e resolveram me fazer essa homenagem. Eu não imaginava, pensava que ia lá [na premiação] entregar o troféu para o Éverton Ribeiro e aí eles começaram a falar: ‘vamos voltar no tempo para corrigir uma injustiça cometida’ e começou a passar no telão, com uma cortina de fumaça, e eu comecei a perceber ‘engraçado, parece comigo, Meu Deus’. E era eu. Foi muita emoção, eu não tenho palavras para expressar o que eu sinto. Só eu que vou saber”.

Outro motivo de orgulho em sua vida foi a produção de sua biografia (“O Príncipe - Dirceu Lopes”, escrito pelo jornalista Pedro Blank). A princípio, não se interessou muito pelo assunto, não achava que deveria haver um livro contando sua história. Porém, conforme as lembranças foram sendo puxadas pela memória, cresceu a satisfação diante de tudo aquilo que construiu. Torcedor, como não poderia ser diferente, Dirceu continua seguindo o Cruzeiro, mas quase não vai ao estádio: “Assisto na televisão, sozinho, tranquilo. Eu passo mal, fico nervoso”.

Ele tem opiniões a respeito dos últimos anos celestes. Critica, por exemplo, a falta de uso das categorias de base, nomeando Dudu, do Palmeiras, como o último jogador de alto nível revelado na Toca da Raposa.

faz menção a Maradona, Cruyff, Zico e ao próprio Eusébio, mas é taxativo: “Pelé e Garrincha foram inigualáveis”.

Há poucos anos, em 2013, também viveu outro emocionante capítulo de sua história. A Revista Placar, responsável pelo tradicional prêmio “Bola de Prata”, que escolhe os melhores jogadores de cada ano no futebol brasileiro, concedeu-lhe tardiamente a honraria de melhor jogador do futebol brasileiro em 1971, com a entrega da Bola de Ouro, láurea máxima.

“Eu não sabia. 40 anos depois. A Bola de Ouro não existia em 71, só que eles pensaram e resolveram me fazer essa homenagem. Eu não imaginava, pensava que ia lá [na premiação] entregar o troféu para o Éverton Ribeiro e aí eles começaram a falar: ‘vamos voltar no tempo para corrigir uma injustiça cometida’ e começou a passar no telão, com uma cortina de fumaça, e eu comecei a perceber ‘engraçado, parece comigo, Meu Deus’. E era eu. Foi muita emoção, eu não tenho palavras para expressar o que eu sinto. Só eu que vou saber”.

Outro motivo de orgulho em sua vida foi a produção de sua biografia (“O Príncipe - Dirceu Lopes”, escrito pelo jornalista Pedro Blank). A princípio, não se interessou muito pelo assunto, não achava que deveria haver um livro contando sua história. Porém, conforme as lembranças foram sendo puxadas pela memória, cresceu a satisfação diante de tudo aquilo que construiu. Torcedor, como não poderia ser diferente, Dirceu continua seguindo o Cruzeiro, mas quase não vai ao estádio: “Assisto na televisão, sozinho, tranquilo. Eu passo mal, fico nervoso”.

Ele tem opiniões a respeito dos últimos anos celestes. Critica, por exemplo, a falta de uso das categorias de base, nomeando Dudu, do Palmeiras, como o último jogador de alto nível revelado na Toca da Raposa.



Também não concorda que o elenco atual tenha uma média de idade alta: “Se você fizer uma pesquisa, verá que os maiores clubes do Brasil tiveram bom trabalho de categorias de base. O Cruzeiro foi assim, o Santos de Pelé, o Botafogo de Jairzinho e Garrincha, o Atlético de Reinaldo [...] o Cruzeiro está com um plantel de idade e isso pesa. Experiência própria. Quando cheguei com 33 anos meu rendimento não era o mesmo”.

Apesar de não estar mais tão próximo ao clube, Dirceu Lopes não consegue abandonar seu espectro. O Cruzeiro e o futebol permitiram uma vida melhor ao craque. E ele aproveitou tudo o que lhe foi oferecido. O craque se fez um cidadão reverenciado pelo que foi nos campos e é fora deles. Um cidadão pacato, gentil. Alguém que acredita ter conquistado muito mais do que sonhou e olha para trás com um sorriso no rosto e a certeza de que não só construiu uma história, mas honrou o hino do clube que tanto ama: protagonizou páginas heróicas, imortais e foi um grande campeão: “as pessoas às vezes falam que nasci na época errada, que eu tinha que ter nascido agora, por causa do dinheiro, mas a maior fortuna que alguém pode ter, eu tenho”, concluiu. ■

O MELHOR DO FUTEBOL ITALIANO

CALCIOPÉDIA PRO



[f/calciopediabr](https://www.facebook.com/calciopediabr)

[@calciopedia](https://www.instagram.com/calciopedia) [/calciopedia](https://twitter.com/calciopedia)

calciopedia.com.br

revistarelvado.com.br